

Coluna do Castello

Pesquisa mantém fio de esperança

Sem desconhecer a manifesta opinião das ruas e sem ignorar a convicção generalizada das lideranças políticas do PMDB e do PFL, o Palácio do Planalto mantém um fio de esperança na aprovação pela Assembleia Nacional Constituinte de um mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. A esperança continua a ser alimentada por uma agência de pesquisa de opinião, que trabalha habitualmente para o governo, e dirigiu-se ao universo específico dos constituintes, no qual prevê a vitória ainda que por reduzida maioria da proposta dos cinco anos.

Ilusão ou não, é na base dessa pesquisa que continua acesa no Palácio a chama do mandato proposto pelo presidente da República no seu nunca esquecido discurso no qual anunciou a disposição de governar o país até 15 de março de 1990. Há também alguns parlamentares ligados à liderança do governo ou ao semi-extinto *Centrao* que incentivam o prognóstico da referida agência de pesquisa e mantêm os colaboradores diretos do chefe do governo sob a impressão de que o mandato presidencial se estenderá por mais dois anos.

Em São Paulo já não se reza a mesma missa. Todos os sintomas são de que as antigas classes conservadoras, hoje chamadas mais propriamente de empresariado, consideram irremediável o mandato de quatro anos e a eleição, portanto, em 1988. A opinião do empresariado paulista, que estaria traduzida na postura do sr Mário Amato, seria preferencialmente a candidatura do governador Orestes Quércia, com quem convive hoje em plena lua-de-mel. A candidatura do sr Antônio Ermírio de Moraes, embora dividindo tal tendência, é tida hoje como problemática ou improvável dadas as dificuldades opostas pelo próprio candidato. Como a sucessão passa por São Paulo — não é preciso ser paulista para perceber essa realidade política —, a FIESP passou a admitir que o deputado Ulysses Guimarães aglutina hoje de forma irremovível os políticos triunfantes na sua aspiração de fazer o sucessor do presidente José Sarney. Ulysses torna-se, portanto, o candidato.

Candidato de São Paulo, que espera conduzir seus 18 milhões de votos para ele, teria já o respaldo de significativas expressões do empresariado nacional representadas pelos principais meios de comunicação do país. Sob esse aspecto causou impacto o recente editorial assinado pelo diretor das Organizações Globo, sr Roberto Marinho, no qual se vislumbraram restrições inéditas à postura do presidente José Sarney e inclinação por uma conjugação de forças capaz de estabilizar e conciliar a política nacional. O sr Ulysses Guimarães, aliás, sempre cultivou contactos nessa área e jamais foi alcançado por restrições na condução política do PMDB e da Constituinte.

O presidente José Sarney, no entanto, não desistiu de preservar o mandato que definiu e, embora não tenha razão para hostilizar a candidatura do sr Ulysses Guimarães, deseja que ela seja posta no tempo oportuno. Outras candidaturas de São Paulo, além da de Lula — que certamente comerá uma parcela significativa dos 18 milhões de votos —, têm sido estimuladas pelos liberais, que insistem em dar segurança ao sr Antônio Ermírio de Moraes quanto à existência de uma estrutura partidária que leve seu nome a todos os pontos do país. O PFL está na vanguarda desse movimento, superando até mesmo o PTB, ainda dividido pela hipótese, embora remota, da candidatura do sr Jânio Quadros, hoje o político paulista mais próximo do sr José Sarney, como demonstram os sucessivos encontros entre ambos.

O PFL parece impaciente em suprimir a candidatura do ministro Aureliano Chaves, substituindo-o pela do paulista e empresário Antônio Ermírio, que teria maior poder de aglutinação precisamente na base de concentração do eleitorado brasileiro. O ministro das Minas e Energia é, aliás, o único nome não-paulista a estar presente nas especulações sucessórias, condicionada sua aceitação à aprovação do presidencialismo. O governador Miguel Arraes, em cujo favor se tentou armar uma composição ao norte, já percebeu que não dispõe de cacife político, nas atuais circunstâncias, para enfrentar no PMDB o sr Ulysses Guimarães, sobretudo depois que o presidente do partido contornou com grande habilidade o ultimato dos *históricos*, que pretendiam condicionar a unidade partidária a uma prévia definição ideológica.

As outras alternativas existentes, todas paulistas, continuam a ser o ex-governador Franco Montoro e os senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, não figurando seriamente na relação qualquer nome de outro estado. Só por nova fatalidade a sucessão presidencial escaparia a essa vocação paulista, tão significativa quanto o foi, em 1984, a vocação mineira da escolha do sucessor do presidente João Figueiredo.

Carta PR

A EBN renova sua tentativa de distribuir uma carta mensal — *Carta PR* — com a idéia de transmitir a todo o país opiniões e informações do governo. Como modelo foram tomadas cartas semelhantes, também impressas, da *Lettre du Matignon*, da França, do *Portugal Hoje* e da *Carta do Uruguai*, as quais, com a mesma origem, visam ao mesmo resultado: oferecer versão oficial dos fatos noticiados pela imprensa e às vezes por ela ignorados.

No número zero da nova "publicação de informação e documentação da Presidência da República", vem uma mensagem assinada por José Sarney, repetindo a denúncia contra a "minoría agressiva" da Constituinte, notícias diversas das atividades do governo e uma declaração do governador Tarcísio Burty em favor da tese do mandato de seis anos.

Carlos Castello Branco



Jovem de 16 anos ganha direito de votar

BRASÍLIA — A Constituinte aprovou o voto facultativo a partir dos 16 anos. Com 355 votos a favor e 98 contra, o plenário tomou uma decisão que poderá incorporar ao eleitorado cerca de 5,7 milhões de jovens, de acordo com cálculos feitos com base em dados do IBGE. Nas galerias a comemoração foi ruidosa e teve a participação do deputado Aécio Neves (PMDB-MG), 26 anos, que subiu para festejar a vitória com militantes da União da Juventude Socialista.

O eleitorado estimado para 1988 é de cerca de 72 milhões, sem contar os 5,7 milhões de jovens que a ele poderão se incorporar. Se todos os jovens resolverem votar, o total de eleitores será, de acordo com este cálculo, de quase 78 milhões. Os 5,7 milhões de jovens representam mais do que os eleitores do presidente Jânio Quadros — eleito em 1960 com 5.636.623 votos. Os presidentes Eurico Gaspar Dutra (1945), Getúlio Vargas (1950) e Juscelino Kubitschek (1955) conseguiram apenas 3.251.507, 3.849.040 e 3.077.411 votos, respectivamente.

De acordo com o Anuário Estatístico do IBGE de 1986, a população residente projetada, nas faixas entre 15 e 19 anos, foi em 85 de 13.933.000 e será em 90 de 14.847.000 pessoas. Fazendo uma média para 88, o resultado é igual a 14.390.000 jovens nas cinco faixas etárias. Para se chegar ao número de jovens de 16 e 17 anos, dividiu-se 14.390.000 por cinco. Resultado: 2.878.000 pessoas em cada uma das cinco faixas etárias, supondo-se — o que não é verdade — que as cinco faixas têm o mesmo número de jovens. Multiplicando-se esse fator por dois (correspondente a duas das cinco faixas) chegou-se a um número de 5.756.000 pessoas de 16 e 17 anos de idade.

Os constituintes aprovaram também a redução das idades mínimas para candidatos a prefeito e vereador, que passaram, respectivamente, de 25 para 21 anos e de 21 para 18 anos. No clima de descontração do plenário, o deputado Fernando Santana (PCB-BA) tirou os sapatos.

As decisões da Constituinte ontem foram: **Plebiscito** — O primeiro item do capítulo dos Direitos Políticos determina que o voto é direto e secreto. A soberania popular será exercida também através de plebiscito e de referendo, de acordo com o que dispuser a lei. O veto popular foi aprovado mas deverá cair na votação em segundo turno, conforme acordo entre os partidos.

Voto — O alistamento eleitoral e o voto são obrigatórios para os maiores de 18 anos e facultativo para analfabetos, maiores de 70 anos e menores a partir de 16 anos.

Recrutadas — Os recrutadas continuam proibidos de votar.

Idades — A filiação partidária e o domicílio eleitoral de seis meses, no mínimo, para os candidatos, caíram. Foram fixadas as idades mínimas para candidatos a presidente da República e senador (35 anos), governador (30), prefeito, deputado federal e deputado estadual (21) e vereador (18).

Brasília — José Varella



Arinos: pela escolha jovem

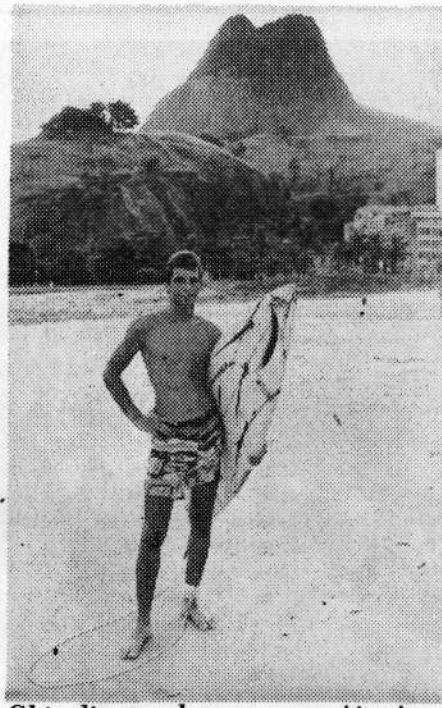
"O mais velho" inflama garotada

Vibrando por "receber o prêmio de, na condição de mais velho Constituinte, poder defender os jovens e interpretar o entusiasmo dessa garotada aí", o senador Afonso Arinos (PFL-RJ), apontando para as galerias da tribuna, emocionou o plenário ao defender o voto facultativo para os jovens de 16 anos.

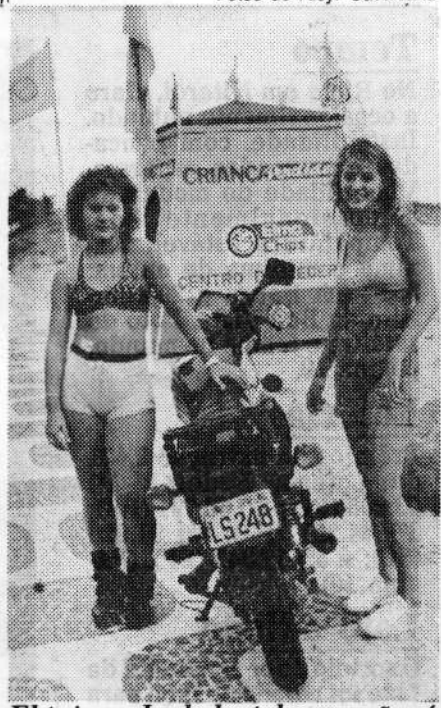
Applaudido de pé ao final do pronunciamento, tanto pelas galerias como pelo plenário, Afonso Arinos começou historiando as idades previstas nas Constituições brasileiras para o direito a voto. Mas o discurso começou a crescer quando, com veemência, largou o papel com anotações e se dirigiu às galerias dizendo: "Os jovens têm direito de escolher, e, se escolhe pelo voto."

O senador, de 82 anos, lembrou que aos 16 já estava na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e provocou o deputado monarquista Cunha Bueno (PDS-SP) que "sempre foi um conservador e ainda é jovem". Procurou o deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG) no plenário. Apontando-o, lembrou que seu antepassado, José Bonifácio, foi responsável pela decretação da maioridade de D. Pedro II, e o fez quando o príncipe regente tinha apenas 15 anos.

"A tradição no Brasil é de 15 anos para Imperador". O século em que vivemos tem que ter a participação dos jovens. E o voto, aos 16 anos é a participação política do jovem."



Cláudio na hora, consciência



Flávia e Isabel: é bom, não é

Juventude foi para a galeria

Simone de Albuquerque Silva, 15 anos, estudante da 1ª série do 2º grau do Colégio Setor Oeste, do Guará, cidade-satélite de classe média de Brasília, foi para as galerias torcer. Junto com cerca de 300 jovens, a maioria militantes da União da Juventude Socialista, Simone vibrou com Afonso Arinos: "Ele foi demais, acho que conseguiu virar muitos votos."

O que Delfim pensava aos 16

O deputado Arnaldo Martins (PMDB-RO) arrancou gargalhadas no plenário no momento em que defendia, com veemência, a rejeição da proposta. Apontou para o ex-ministro Delfim Netto (PDS-SP), que se encontrava na primeira fila. "Os jovens não sabem o que querem, por isso não podem votar. O deputado Delfim Netto, por exemplo, aos 16 anos era socialista e, hoje, é um dos maiores expoentes da direita deste país." Mais gargalhadas vieram quando o senador Pompeu de Souza (PMDB-DF), de 72 anos, não se conteve diante do placar: "Vencemos — exclamou o septuagenário —, nós, os jovens, vencemos." Enquanto isso, o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), 30 anos, reagiu: "Turma de demagogos."

Novidade divide os beneficiados

Leandro Martins, 16 anos, 8ª série — "Acho que o voto a partir dos 16 anos não será bom porque a nossa juventude não tem responsabilidade e, portanto, poderia escolher maus governantes. Caso houvesse eleições diretas este ano, não sei em quem votaria para presidente".

David Oliveira, 17 anos, 3º científico — "Sou a favor. Quando somos menores de idade, vemos as coisas passando diante de nós sem podermos fazer nada. Agora, poderemos participar da política do país. Sei que muitos jovens não saberão votar, mas do jeito que o país está, vale a pena tentar tudo."

Cláudio Arraes, 16 anos, 8ª série — "Acho bom, porque agora poderei dar a minha opinião sobre a política do país. Acho que os jovens estarão conscientes na hora de votar. Se houvesse eleição para presidente este ano, eu não saberia em quem votar. Esperaria para ver a proposta de cada candidato."

André Luis, 16 anos, 7ª série — "Acho uma parada muito legal, bacana. Poder escolher o presidente da República caso haja eleição direta, vai ser maneiro. Eu sou da galera do surfe e vou votar no Gabeira para presidente, porque ele vai liberar a parada para nós."

Flávia de Souza Gomes, 16 anos, 2º científico — "É uma boa. O jovem vai ter que ter cabeça para votar."

Maria Isabel, 16 anos, 3º científico — "Acho que os jovens desta idade como também os de 18, não têm cabeça para votar. Eles não têm informações suficientes para fazer uma boa escolha. Não vai ser bom."